

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM DIANE KEATON

3 e 26 de novembro de 2025

Morning Glory / 2010

(Manhãs Gloriosas)

Um filme de ROGER MICHELL

Realização: Roger Michell / *Argumento:* Aline Brosh McKenna / *Direção de fotografia:* Alwin H. Küchler / *Direção de arte:* Alex DiGerlando, Kim Jennings / *Cenários:* Alyssa Winter / *Guarda-roupa:* Frank L. Fleming / *Música:* David Arnold / *Montagem:* Dan Farrell, Nick Moore, Steven Weisberg / *Interpretação:* Rachel McAdams (Becky Fuller), Harrison Ford (Mike Pomeroy), Diane Keaton (Colleen Peck), Patrick Wilson (Adam Bennett), Jeff Goldblum (Jerry Barnes), Matt Malloy (Ernie Appleby), Ty Burrell (Paul McVee), Patti D'Arbenville (mãe da Becky), Adrian Martinez (guarda na recepção), John Pankow (Lenny Bergman), J. Elaine Marcos (Lisa Bartlett), Noah Bean (rapaz no primeiro encontro), Vanessa Aspillaga (Anna), David Fonteno (Oscar), 50 Cent (o próprio), Tony Yayo (o próprio), Dj Whoo Kid (o próprio), Lloyd Banks (o próprio), Reed Birney (Governador Willis).

Produção: J.J. Abrams, Bryan Burk / *Produtora:* Bad Robot / *Cópia:* 35mm, colorida, falada em inglês e legendada em português / *Duração:* 107 minutos / *Estreia em Portugal:* 24 de março de 2011 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

Este filme é exibido num pequeno ciclo de homenagem a Diane Keaton, atriz americana que se tornou célebre pela sua *persona suis generis*: vestida de figurino masculino, prolixa, neurótica mas charmosa, desajeitada mas cómica, e sempre uma figura marcada pela sua independência. Quando chegamos aos seus papéis na década dos 2010, Keaton tem já consolidada uma carreira em que fez comédias – foi, sobretudo, um figura-chave do cinema de Woody Allen, com o inesquecível **Annie Hall** (de 1977), que lhe valeu um Óscar de Melhor Atriz e que passará neste ciclo –, mas também protagonizou filmes significativamente mais dramáticos, como exemplificam as suas prestações em **The Godfather** (1972), **The Godfather Part II** (1974), **Reds** (1981) ou **Shoot the Moon** (1982). Aventurou-se também atrás das câmaras, realizando documentários (como **Heaven**, de 1987) e, mais tarde, longas-metragens de ficção (como **Unstrung Heroes**, de 1995, e **Hanging Up**, de 2000, que também passará neste ciclo).

O início do século XXI vê Diane Keaton emergir em papéis que normalmente não estão disponíveis para mulheres com mais de 50 anos em Hollywood. Numa indústria que favorece sistematicamente caras jovens, conseguiu criar um lugar próprio como heroína de comédias românticas na sua meia-idade, em especial através da sua colaboração com a realizadora Nancy Meyers em **Something's Gotta Give** (2003), filme em que protagoniza com Jack Nicholson um tipo de amor em fases da vida que não eram nada habituais neste género de cinema americano – Keaton e Meyers tinham colaborado previamente em **Baby Boom** (1987) e na saga cómica **Father of the Bride**. A mistura magistral de inteligência, humor e vulnerabilidade de Diane Keaton manteve-se presente nos seus papéis ao longo dos anos 2000. **Morning Glory** chega depois do estabelecimento de Keaton como figura icónica, sem dúvida, mas agora inextricavelmente ligada

às comédias românticas, talvez marcando o último momento de genuíno esplendor das *rom-coms* americanas enquanto género em ebulição. Com realização de Roger Michell, aclamado realizador de cinema e encenador de teatro que morreu em 2021, sobretudo conhecido pelo sucesso internacional de **Notting Hill** (1999) e por um tipo de estilo britânico que o crítico de cinema Peter Bradshaw identificou como sendo «witty, literate, poignant and romantic», qualidades que reverberam em **Morning Glory**.

Neste filme, Keaton posiciona-se num papel, de certa maneira, de transição. Já não como a protagonista romântica, mas como parte de um elenco grande em que a sua função é a de figura de apoio, pelo seu pelouro de veterana. Uma figura matriarcal já menos central, mas ainda fulcral. Os papéis principais deste filme estão, antes, nas mãos de Harrison Ford e Rachel McAdams (cuja precisão humorística e qualidade neurótica e desajeitada tem muito a dever à *persona* cômica de Diane Keaton). Não enquanto casal central (o par romântico de McAdams é um galante Patrick Wilson), mas enquanto duo em conflito, sendo que o ponto de contenção é a dicotomia *entretenimento versus informação*. O filme vê o programa matinal onde as personagens trabalham como metáfora para a forma como os conteúdos televisivos americanos pendem para o lado do entretenimento neste combate. O filme gira em torno desta oposição entre a figura neurótica e determinada de McAdams e um Harrison Ford com rédea solta para ser perfeitamente rabugento e sarcástico, sem perder o seu encanto. Becky, a produtora de McAdams, vê-se na posição indesejada de ter de elevar as audiências do programa a todo o custo, revitalizando os seus conteúdos. Eis o trocadilho do título do filme, a procura pela glória na programação das manhãs.

O Mike Pomeroy de Ford é um jornalista e antigo pivot de telejornal que vê todo este foco em entretenimento como algo de humilhante nesta fase da sua carreira, sabotando todos os esforços de Becky. Diane Keaton é Colleen Peck, o terceiro vértice deste triângulo profissional, a âncora profissional e a apresentadora experiente deste programa de variedades. É ela que dá a cara nos momentos de comédia mais satírica e absurda, num filme onde lhe é permitido ser mordaz, vaidosa, competitiva e insubmissa, não deixando de aparecer cativante e elegante, mesmo ao destilar energia caótica. Sendo figura de proa do programa e desejando também salvá-lo e modernizá-lo, presta-se a todo o tipo de situações que envolvam algum tipo de paródia ou exuberância (como vestir-se de fato de luta de sumo e combater contra alguém muito maior, beijar demasiadas vezes um pequeno sapo ou outros segmentos arrojados). O seu papel é demonstrativo da evolução de Keaton para personagens cuja idade e experiência são traços fundamentais. É precisamente isso, bem como o seu carácter mais volátil e cáustico, que torna a sua Colleen numa adversária divertida perante o Mike de Ford. Ele, apesar de monocórdico, anima-se com as piadas espirituosas que lança à custa de Colleen e Diane Keaton devolve os golpes com a energia deliciosa de quem se está a divertir com a troca de vitupérios com Harrison Ford. **Morning Glory** marcou a primeira vez que estes atores veteranos trabalharam juntos, apesar de fazerem parte da mesma indústria há várias décadas. Há momentos deleitosos devido à tensão que se estabelece entre os dois: a sessão fotográfica em que, entre sorrisos ensaiados, esgrimem com palavras; a montagem em que a personagem de Rachel McAdams está a tentar que os dois se conheçam e que se cumprimentem e nenhum quer ceder a ir ao «território» (ou seja, gabinete) do outro; e, finalmente, o romance que fica no ar, dado que depois de tanto esgrimirem, acabam por encontrar uma ponte de harmonia. Fica o símbolo do entretenimento de mãos dadas com a informação.

Ana Cabral Martins